

A EXPRESSÃO DA FUTURIDADE NA LÍNGUA FALADA <sup>1</sup>

Ademar da SILVA

**RESUMO** *Procedendo a um estudo textual e discursivo do verbo, demonstramos como as formas que expressam futuridade (sintéticas: /-re/-/ra/ e /-ria/, perifrásticas: principalmente ir+infinitivo, e o presente futuro) se realizam na construção do texto falado no português brasileiro, verificando seus valores temporais, modais e aspectuais como também o seu contexto de ocorrência. Apesar das marcas, a força e a produtividade desse tempo estão nas diversas formas de que a língua se utiliza para expressá-lo. Enquanto a forma sintética ocorre em contextos discursivos formais e injuntivos, a perifrástica e o presente-futuro são irrestritamente mais usadas na fala informal espontânea. Nesse contexto, ir + infinitivo é mais freqüente, superando /re/-/ra/, que está em declínio. O que as distingue é a noção aspectual prospectiva de relevância do presente implícita na forma perifrástica. Respeitadas as diferenças, estabelecidas, na maioria das vezes, pelo discurso, a forma ir+ infinitivo é tão temporal/modal quanto a sintética, o que define o seu status no sistema verbal do português.*

**SUMMARY** *In a textual and discursive study of the verb tense we demonstrate how the forms which express futurity (synthetic forms: /-re/-/ra/ and /-ria/, futurate structures: mainly ir+infinitivo, and the praesens pro futuro) occur in the construction of the oral text in Brazilian Portuguese. On doing so, we observed their temporal, modal and aspectual values as well as their context of occurrence. Despite the "marks" of the future tense, its force and productivity are in the several forms found in portuguese to express it. While the synthetic form occurs in formal and injunctive contexts, the periphrastic form and the praesens pro futuro are unrestrictedly much more used in the commenting, informal oral speech. In this context, ir+infinitivo is more frequent, surpassing /-re/-/ra/, which is declining. Basically what distinguishes them is the prospective aspectual notion of **present relevance** underlying the futurate forms. After considering all their differences, which are determined by discourse (commenting, narrative x injunctive contexts), we conclude that the ir+infinitivo form is as temporal/modal as the synthetic form and has a status in the verbal system of Portuguese language.*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 17 de junho de 1997, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ingedore G. V. Koch.

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito futuridade leva-nos a tecer várias considerações sobre o tempo futuro no português. A gramática tradicional deixa em aberto muitas questões importantes sobre o futuro, que parecem ter origem no próprio conceito de tempo a ele relacionado. Para a grande maioria das pessoas, o futuro na linha do tempo segue o presente e caminha adiante. Essa visão também se reflete na gramática. Ao inseri-lo na tríade fechada *presente, passado e futuro*, como se fosse simplesmente uma divisão do tempo linear que segue cronologicamente após o presente, a gramática aprisiona o futuro em um compartimento fechado, impedindo o alcance de toda sua significação no *discurso*. As gramáticas reconhecem sua posterioridade em relação ao momento da fala (Cegalla, 1969; Bechara, 1978; Cunha e Cintra, 1985), mas nem sequer abordam o *aspecto* e a *modalidade* que estão envolvidos na referência ao futuro.

Além da forma */re/~/-ra/*, consagrada pela gramática, o *presente-futuro* e as *formas compostas* são muito utilizadas para a expressão de futuridade, das quais *ir+infinitivo* supera todas em frequência. Excetuando-se a referência à posterioridade, muito pouco é dito sobre a distinção entre a forma *sintética* e a *perifrástica*.

Tendo em vista que muitos aspectos da estrutura da linguagem podem ser revelados através da conversação (Lyons, 1977:637), investigaremos como a expressão de futuridade ocorre na construção do texto falado<sup>2</sup> em língua portuguesa. Estudaremos o comportamento das formas sintéticas: */re/~/-ra/* e */ria/*, perifrásticas: principalmente *ir+infinitivo* e o *presente-futuro*, verificando seus valores temporais, modais e aspectuais, como também o seu *contexto de ocorrência*.

Nossa argumentação se fundamentará, principalmente, nos resultados da análise das variações na ocorrência dessas formas nos dados do português falado. Tal corpus foi obtido em aproximadamente *seis horas e meia* de gravações. Não houve preocupação com quantidade e tampouco com a distribuição em grupos etários, sexo, origem e escolaridade, visto que nossa análise seria de base qualitativa. Consta de: onze conversações telefônicas, realizadas sem que os participantes soubessem da gravação; cinco entrevistas - diálogos entre informante e documentador (DID); três elocuições formais (EF) - uma particular e duas do Projeto NURC-SP<sup>3</sup>; um diálogo interativo entre duas donas-de-casa (D2) e uma interação entre vários falantes. Além disso, coletamos vários trechos de falas, depoimentos e comentários que ilustram a notícia dos jornais de televisão (Cultura, Manchete e Globo) e do rádio (programa A Voz do Brasil) em que a forma */re/~/-ra/* ocorreu, denominando: *Rastreamento da forma /RE/~/-RA/*.

---

<sup>2</sup> Texto aqui é uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão, audição ou tato), tomada pelos usuários da língua em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchimento de uma função/intenção comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão (Travaglia, 1991:22, cf. também Fávero e Koch, 1983).

<sup>3</sup> *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Castilho, A. T. e Preti, D. (orgs.), vol. 1 - Elocuições Formais, São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, 1986.

## 2. TEMPO E LINGUAGEM - TEMPO VERBAL

*Tempo na linguagem* pode ser um construto mental representado por uma linha imaginária que se movimenta da esquerda (passado) para a direita (futuro), tendo vários pontos de orientação (temporais) no seu decorrer: **MF** - *momento da fala* (o tempo do ato de fala - o “agora” do falante), **ME** - *momento do evento* (o estado de coisas a que o enunciado se refere), e **PR** - *ponto de referência* (um tempo mais abstrato, um ponto de vista temporal relevante para a contemplação do evento e a partir do qual se define simultaneidade, anterioridade e posterioridade ao MF). As relações entre esses pontos são definidas como tempos verbais (doravante *t. vb's*). (cf. Ilari, 1981; Fleischman, 1982; Corêa, 1985).

Reichenbach (1947) instituiu a noção de *t. vb's* absolutos e relativos, em que os primeiros se constituem a partir da relação direta do ME com o MF e os segundos a partir da relação indireta, ou seja, situam o ME em relação ao PR, que pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao MF. A partir dessas relações, para Fleischman (1982): “*t. vb* é uma categoria dêitica da gramática, marcada formalmente por um afixo, partícula ou auxiliar, cuja função principal é marcar uma seqüência de eventos<sup>4</sup> em relação direta ou indireta com um ponto zero, que é o MF” (p.10).

A irrelevância da flexão temporal em certos contextos (formas gnômicas) leva-nos a observar que a expressão temporal não se dá apenas pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical, mas também pela presença de outros fatores lingüísticos que se combinam para a sua realização. Por exemplo, os adjuntos adverbiais de tempo possuem papel fundamental nesse processo.

Tendo em vista este sistema de relações, postulamos que a expressão temporal se realiza composicionalmente, através da combinação de vários fatores lingüísticos, ou seja, é formada de um morfema lexical (radical), que pode denotar ação, processo e estado<sup>5</sup>, mais morfemas de flexão (tempo, modo, n°, pessoa). Todo esse conjunto pode vir acompanhado de adverbiais, constituindo-se o que consideramos *t. vb*:

Ação / Processo / Estado

Radical (morfema lexical) + flexões (morfs. de tempo, modo, n°, pess.) +  
adverbiais

<sup>4</sup> Por uma seqüência de *eventos* entendam-se *estados, ações e processos*.

<sup>5</sup> Essa tipologia é de Chafe (1979:98). Para ele a natureza do verbo, como elemento central na organização da frase, determina como será o restante da oração, ou seja, sua relação com os nomes e como estes serão semanticamente especificados. Por exemplo, *rir*, em “*Os homens riram*” (p.97), como verbo de ação, exige que um nome *agente, animado* e talvez *humano* o acompanhe. Tais relações sintático-semânticas entre o verbo e os participantes da estrutura frasal decorrem da classificação dos verbos em: de *ação*, de *processo*, de *ação-processo* e de *estado*.



### 3. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados em todo corpus revelam uma grande quantidade de formas *futurizadas*<sup>6</sup> (*perifrástica* e do *presente futuro*), ao lado de uma ocorrência quase mínima da forma  *sintética* (quatro casos). Evidenciam também que essas formas ocorrem com muita frequência em  *contextos discursivos ideacionais*<sup>7</sup>, nos quais locutor e interlocutor, ao trocar informações acerca de sua experiência de mundo,  *comentam, narram, fazem injunções e predições*.

No momento, abordaremos a marca temporal das formas *perifrástica e do presente futuro em seu contexto discursivo*.

#### 3.1 Ir + infinitivo

A *forma perifrástica ir+infinitivo* é, sem dúvida, a mais utilizada para se falar de coisas futuras, nos dados do corpus. Na sua estruturação parece haver elementos semânticos que, por si sós, dão idéia de futuridade. Além do movimento implícito em *ir* (pôr-se na direção de, deslocar-se), que sugere posterioridade, o *infinitivo* possui marca aspectual de prospecção oriunda da neutralização da oposição existente entre gerúndio e participípio. Semanticamente, enquanto o gerúndio evidencia um presente e um caráter durativo (construindo) e o participípio expressa uma ação de sentido perfectivo, situando-a no passado (construído), o infinitivo indica uma ação de caráter prospectivo, orientada para o futuro.

Tais componentes semânticos parecem contribuir para a expressão de futuridade da *perífrase* em questão. No entanto, é na interação com o contexto discursivo que ela se realiza plenamente. Veja-se um trecho do documento [A], “*Que loucura, né?*”:

- (1) L2 - e ainda tenho SIM ainda *tenho que ir* no Hospital do Câncer *hoje* prestar conta do: dum bocado de talão ainda porque eu ainda tenho gente pra me entregar ainda tenho um que eu *vou buscar* na:: Encruzilhada... (...) [Le tem um que eu *vou buscar* na Sudene ((pigarreia)) (t 68-A)

As atividades que serão exercidas ainda hoje são expressas por proposições predominantemente<sup>8</sup> ideacionais. Numa atitude comunicativa comentadora, o intuito de L2 é apenas informar à amiga suas atividades. As duas formas perifrásticas *vou buscar* expressam posterioridade, ou seja, o *ir buscar* ocorrerá num momento, ainda hoje, após aquela conversa.

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por Binnick, 1991:120.

<sup>7</sup> Como uma das três funções da linguagem, a ideacional é aquela que está mais diretamente voltada ao conteúdo proposicional dos enunciados (cf. Halliday, 1973:105). Entende-se por conteúdo proposicional o estado de coisas a que o enunciado se refere.

<sup>8</sup> Halliday (1973) afirma que “tipicamente cada sentença incorpora todas as funções, embora uma ou outra possa ser mais proeminente” (p.108). Em outras palavras, as funções não existem em seu estado puro. Apesar de um enunciado ser *predominantemente* ideacional ou interpessoal, há marcas de outras funções nele inseridas.

O uso de *ir+infinitivo* está ligado à noção *relevância do presente*, de Fleischman (1982), ou seja, a ação futura depende de fatos presentes e o falante sabe quais são. L2 irá buscar o talão na Encruzilhada e na Sudene porque naquele momento, esta era a atitude a ser tomada.

O relacionamento da forma perifrástica com o momento presente do falante independe da distância ou proximidade de realização de um determinado evento ou ação futura expressos por ela. L2 irá à Sudene naquele dia ainda, após ter levado o filho ao médico, talvez.

Há momentos em que o evento pode ocorrer logo após o MF. No trecho abaixo, a divergência é apresentada em seguida ao anúncio:

- (2) L3 - eu *vou discordar* do Cony... acho que é... é diferente Cony... acho que o... o Serjão se presta... sobretudo... a falar coisas que o Fernando Henrique gostaria de dizer... (t 91-Q)

Esse tipo de ocorrência é muito comum em demonstrações e aulas em que uma série de eventos, ordenados temporalmente, um posterior ao outro, são apresentados e imediatamente executados, indicando uma aparente simultaneidade ao MF.

Se, por um lado, a realização de um determinado evento ou ação futura expressos pela forma perifrástica pode estar bem próxima do momento presente, por outro, pode ser totalmente indeterminada. Note-se a imprecisão temporal da cartomante, ao vaticinar sobre o futuro do consulente:

- (3) L1 - [mas *vai vir* um bom andamento pra você... você *vai conseguir... vai ter* bom êxito... naquilo que eu falei a (...)](t 7-M)

Na situação *predictiva*, o bom andamento e êxito poderão acontecer hoje, amanhã ou nunca. Como, nesse tipo de contexto, antecipa-se pelo dizer situações cuja realização será posterior ao MF, este é o espaço ideal para esse tipo de indeterminação das formas que expressam futuridade.

Em todos esses casos o PR é simultâneo ao MF, a posterioridade transmitida pela forma perifrástica é mais subjetiva do que objetiva. A sua relação com o presente é de natureza mais psicológica do que cronológica. Com Fleischman(1982:96), achamos que *ir+infinitivo* expressa a visão subjetiva que o falante tem sobre o evento no momento da fala. A sua perspectiva pode até mudar, mas o evento em si permanece fixo no tempo, evidenciando a *relevância do presente psicológico do falante*.

### 3.2 - Presente-futuro

Em nossos dados, além da perífrase *ir+infinitivo*, o *presente do indicativo* expressa futuridade, chegando a ocorrer, muitas vezes, alternância entre as duas formas.

Para Leech (1971), o presente do indicativo, como forma “marcada” de futuro, expressa futuridade como um *fato*, o que lhe dá o mesmo grau de certeza dos *t. vb's* presente ou passado, afastando a idéia geral de que é incerto. Concordamos com o autor,

mas achamos também que, como as perífrases, as ações futuras expressas pelo presente do indicativo dependem de fatos presentes, tidos como certos e avaliados e decididos no momento da fala. Veja-se trecho do documento [A]:

- (4) L2 - eu *vou comprar* os tecidos... o tecido branco e tudo e eu lhe *aviso*... está bom? (t 237-A)

Nesse contexto discursivo *comentador*, a forma perifrástica *vou comprar* indica posterioridade ao MF e o mesmo se aplica ao presente do indicativo *eu lhe aviso*, que ocorrerá após a compra do tecido e a confecção da calça. Sem dúvida, a visão subjetiva do falante sobre o evento, no momento da fala, contribui para o emprego dessa forma em contextos futuros. Isso parece explicar sua ocorrência em todo o corpus.

O *presente do indicativo*, como tempo zero do mundo comentado de Weinrich (1974), nessas conversações, evidencia o envolvimento<sup>9</sup> do falante com o seu discurso, o que torna a situação comunicativa mais tensa, exigindo dele certa postura e atitude. Ele discorre a respeito de coisas que não só o afetam diretamente como também ao ouvinte, exigindo também dele tomada de posição. Todavia, a noção de que o presente do indicativo constitui o tempo zero (sem perspectiva) do mundo comentado, proposta por Weinrich (1964), choca-se com o valor prospectivo, atribuído a ele em contextos futuros.

A noção aspectual implícita na *relevância do presente*, defendida por Fleischman(1982), pode explicar, também, o caráter prospectivo nas formas do *presente do indicativo*, em nosso corpus. O fato de resultar de circunstâncias presentes do falante dá essa flexibilidade funcional a essa forma.

### 3.3 - Contexto Discursivo Narrativo

Além do contexto discursivo *comentador* e *preditivo*, as formas futurizadas em nosso corpus aparecem em narrativas.

Nos relatos orais, o locutor, colocado na perspectiva do tempo, apenas reporta o acontecido na ordem em que realmente ocorreu, estabelecendo uma situação comunicativa mais livre, sem muito envolvimento dos participantes. Nelas é comum a variação de tempos verbais, ou seja, há alternância das formas do pretérito com as do presente do indicativo (presente histórico), expressando passado. A característica principal desse tipo de presente é trazer os eventos passados ao MF, tornando-os mais vivos. Além disso, tem-se também um dos usos mais instigantes do presente do indicativo - seu emprego no *discurso direto*. Solicitado a prever se um dia haveria um papa negro, L3, no seu relato, utiliza-se desse tipo de discurso:

- (5) L3 - (...)conhece a história?... ele vivia com a mulher dele há muito tempo... aí numa brincadeira qualquer... ele disse "*olha... eu só me caso com você o dia*

---

<sup>9</sup> Sabemos que o *futuro do presente* também é mundo comentado. Mais adiante, abordaremos outros traços, implícitos no seu uso, que o distinguem das formas futurizadas.



*em que tiver um papa polonês”... e aí veio... o papa polonês... e ele até se casou... tudo bem... então não quero fazer nenhuma previsão aqui... ((risos)) (t 147-Q)*

Quando L3 encena a fala da mulher, tem-se a inserção do mundo *comentado* no *narrado* (daí o presente do indicativo). Essa representação da fala como se estivesse ocorrendo no presente momento, torna-a ponto de referência central, o que dá proximidade ao enunciado passado.

Ao trazer a perspectiva presente do falante para o enunciado, o discurso direto não só torna a narrativa mais expressiva como parece atuar como um separador de eventos. A proposição contida na condicional *eu só me caso com você o dia em que tiver um papa polonês* separa o evento anterior, destacando o fato de Ben ter se casado. Além disso, a organização da narrativa delimita a área na qual o *presente* pode ocorrer, ou seja, estudos revelam que 30% dos verbos no *presente*( cf. Schiffrin, 1981) fazem parte de orações manifestas na *complicação*.

É fácil notar, em nossos dados, que a inserção do *t. vb presente* no discurso narrado ocorre em momentos de tensão. No exemplo seguinte, excetuando-se o discurso direto no auge da complicação, o relato foi quase todo feito no pretérito:

- (6) L1 - (...)é:: eram quatro rapazes... dois na frente e dois logo atrás...(...) de repente um cidadão se posta à minha esquerda... (...) com uma arma... na mão direita... eu pude ver que era uma arma escura...(...) uma automática...(...) arma apontada pra minha cabeça... e ele gritava- “vai... vai... vai... *senão morre*”... ele não me dizia objetivamente o que queria e a alternativa de não... de não atendê-lo era a morte... evidentemente... aí *vai falar* o seu instinto de sobrevivência...(t I-P)

A série de eventos relatados no pretérito vão gradativamente crescendo de intensidade até o ponto máximo da *complicação* (clímax) na qual, liberando-se da referência ao tempo, para maior autenticidade, o locutor apresenta a fala do ladrão como se estivesse ocorrendo naquele exato momento. Embora faça parte do mundo narrado (Weinrich, 1964), o momento de tensão implícito na *complicação* favorece a interferência do falante que se dá via presente (mundo comentado).

Schiffrin (1981:59) postula que, ao possibilitar a apresentação dos eventos como se estivessem ocorrendo naquele momento, o *presente*, principalmente no discurso direto, fornece *avaliação interna* à narrativa. Esse tipo de *avaliação* aparece claramente no trecho final, em que o narrador observa: “*evidentemente... aí vai falar o seu instinto de sobrevivência...*” Como a avaliação, segundo Weinrich (1964), faz parte do mundo comentado, o uso do presente, aqui, não foge à regra e faz com que a avaliação se torne mais imediata e autêntica.

Admitindo-se que o tempo é uma propriedade dos estados de coisas, ou seja, que suas flexões estão ligadas à tipologia: verbos de *ação*, *processo* e *estado*, nota-se uma *dinamização*, em graus diferentes, dessa tipologia. Diante disso, respeitando-se a hierarquia da dinamicidade nas várias caracterizações semânticas do verbo, pode-se

dizer que o *t. vb* futuro é essencialmente *dinâmico*, permitindo-nos abarcar *ação*, *processo* e *estado* sob uma única denominação e sugerir o seguinte quadro, sintetizador da somatória de elementos que contribuem para a expressão temporal futura da forma presente do indicativo:

Dinâmico			
Morf. Lexical + Morfs. mod., tpo., nº, pes. + Marcador temporal	⇒	⇒	⇒

A interação entre o morfema lexical conforme sua natureza semântica - dinâmicos (ação e processo) e dinamizados (estado) - , a flexão (morfemas de tempo modo número e pessoa) mais o marcador temporal (adjuntos adverbiais ou indicações contextuais e estruturais) contribui para o desencadeamento do caráter prospectivo da forma presente do indicativo em contextos futuros, enfatizando a relevância do presente psicológico do falante através de matizes de *certeza*, *comprometimento*, *determinação*, *suposição*. Vejam-se alguns exemplos:

- (7) L1 - quarta ou quinta te *dou uma ligada...* *se der eu vou* aí bater um papo com você (t 270-B) - [ação]
- (8) L1 - uhn::...olha que fil/ da puta... *amanhã* ele me *paga* FALOU... (t 12-I) [processo]
- (9) L1 - (...)falei “*vou... fico com a senhora*” aí então... ela concordou de ir... (t 250-B) [estado]

### 3.4 O *t. vb* futuro e os advérbios de tempo

Nos dados, as formas que expressam futuridade (*presente do indicativo* e *ir+infinitivo*) vêm ou não acompanhadas de um advérbio de tempo:

- (10) L2 - *vou lembrar* esse troço aí... quem que me falou de que diretora foi? (t 41-C)
- (11) L1 - (...)então vamos ver *quarta ou quinta* te *dou uma ligada...se der eu vou* aí bater um papo com você (t 270-B)
- (12) L1 - aí ela virou e falou pra mim... “*você vai comigo...você fica lá*” falei “*vou... fico com a senhora*” (t 250-B)
- (13) L1 - é que eu *vou sair hoje à noite...* (t 26-J)

Enquanto (11) e (13) se fazem acompanhar de adjunto adverbial, em (10) e (12) isso não ocorre.



Quanto a *ir+infinitivo*, parece-nos que os advérbios temporais que a acompanham atuam como reforço da noção de futuridade já contida no seu interior. Daí a ausência deles em um grande número de ocorrências dessas formas nos dados<sup>10</sup>.

Quanto às formas do presente do indicativo, parece ocorrer o contrário. Como a futuridade não está implícita nela, os advérbios atuam como marcadores dessa noção. Daí sua presença em um grande número de ocorrências dessas formas nos dados. Veja-se:

(14) L2 - aí eu falei “*pago na outra terça feira né?* porque... (t 57-E)

Sem a locução *na outra terça feira*, a forma no presente do indicativo (*pago*) expressaria apenas um acontecimento ou estado de coisas atual, sua função básica.

Já nas poucas ocorrências em que a expressão de tempo está ausente, é possível detectar o valor de futuridade através do contexto discursivo. Está implícito em (4) que o aviso só será dado *depois da compra dos tecidos*. O mesmo se aplica ao exemplo (12). Pelo contexto, sabe-se que, apesar de não querer, a senhora tinha de ir ao hospital e que, quando pressionada, solicitou a companhia da enfermeira. Em *you vai comigo?*, *you fica lá?*, está implícito *quando eu for ao hospital*<sup>11</sup>.

Excetuando-se os advérbios e locuções adverbiais que expressam um tempo específico (*amanhã, quarta ou quinta-feira, na outra terça-feira, à tarde, daqui a oito meses*), há, nos dados, ocorrência de advérbios que expressam uma distância variada entre o MF e o ME, ou seja, a proximidade ou a distância do MF para o ME varia de acordo com o contexto discursivo. São os advérbios: *hoje = neste dia; agora = neste momento; já e logo*. Segundo Moura Neves et alii(1992), apesar de circunstanciais, a sua circunstanciação se apóia no âmbito da comunicação, ou seja, na esfera dos participantes. Como fóricos (anáfora temporal), referem-se a um momento ou período determinado da enunciação ou de outro ponto do enunciado.

A distância temporal variada entre o MF e o ME, expressa pelos advérbios de tempo, evidencia a imprecisão do nome *futuro próximo ou futuro imediato* que é dado à forma *ir+infinitivo* pela gramática tradicional. Pelos exemplos, vimos que, além de proximidade, pode indicar também distância. Some-se a isso a indeterminação da realização de certos eventos futuros, expressa por essa forma em alguns contextos.

---

<sup>10</sup> A descrição quantitativa de Baleeiro (1988) confirma a nossa constatação. Ela nota que são poucos os enunciados em que *ir+infinitivo* se apresenta acompanhado de um advérbio ou expressão de tempo. Demonstra que de 348 ocorrências, apenas 61 (17%) foram acompanhadas de tal advérbio. 24 casos (7%) tiveram o auxílio de outros elementos gramaticais e em 263 (76%) houve ausência total de outros elementos gramaticais.

<sup>11</sup> Novamente a descrição quantitativa de Baleeiro (1988) vem ao encontro de nossa constatação e ajuda-nos a confirmá-la. Nas 42 ocorrências de presente do indicativo com valor de futuridade (seqüência MF - ME), a autora observou que, na quase totalidade dos casos, esse valor dependia da co-ocorrência de elementos gramaticais com conteúdo de futuro no contexto da ocorrência do presente do indicativo. Esses números fundamentam a constatação de que o advérbio ou o contexto mais amplo do discurso atuam como marcadores da noção de futuridade nas formas do presente do indicativo. A sua presença é imprescindível.

### 3.5 - A sobreposição modal

Em seqüência, abordaremos a sobreposição modal nas formas *ir+infinitivo* e *presente do indicativo*. Retomando o exemplo (1), note-se que, além de posterioridade: *tenho que*, no presente do indicativo, possui valor modal de *obrigatoriedade*. Na verdade, a natureza temporal dessa forma existe, mas sobrepõem-se a ela valores modais, podendo tal categoria sobressair-se, algumas vezes, até mais do que a de tempo. Em *vou buscar* (1), *vou discordar* (2), *vai vir*, *conseguir*, *ter* (3) e *vou comprar* e *eu lhe aviso* (4) também está implícito um matiz de *intenção*, *volição*, *certeza*, *determinação*. Matizes estes que, também, podem se sobrepor uns aos outros.

Devido a essas sobreposições, que dificultam uma classificação única, consideramos que, além de futuridade, essas formas estão intrinsecamente ligadas às modalidades *epistêmicas* e *deônticas*.

Conforme o conhecimento que se tem dos estados de coisas, uma relação necessária é vista como certa, e uma possível é considerada provável (*modalidade epistêmica*). O maior número de ocorrências em nosso corpus liga-se ao primeiro tipo. Vejam-se os exemplos:

- (15) L1 - então... agora hoje você pode descansar bastante né?  
L2 - não... eu **vou ficar** até lá pra umas dez horas... depois **vou levantar** ((bocejos)) levantar não né? (t 126-B)
- (16) L2 - (...) é só que **vai ser** meio difícil né? **vai demorar**... meu irmão disse que demora muito a recuperação (...) *quem sabe* o meu **vai ser** diferente (t 55-B)
- (17) L4 - (...) até a reta final... até terminar... acontece muita coisa... **pode aparecer** um... um candidato como apareceu o FHC. (t 58-Q)

Em (15), o conhecimento que L2 tem de sua rotina permite-lhe ter certeza de que não ficará na cama além das dez horas e, assim, rejeitar a proposta da amiga, pois é epistemicamente necessário que se levante. Já em (16), o que atribui idéia de probabilidade, nessa especulação sobre o futuro restabelecimento da cirurgia, é o modalizador epistêmico *quem sabe* utilizado por L2. No exemplo seguinte, a probabilidade futura está contida no conteúdo semântico do próprio verbo

As *deônticas* situam-se nos domínios da moral e dos deveres. Relacionam-se com a conduta, com o comportamento que se espera do interlocutor diante de determinados estados de coisas. Quanto ao comportamento e à ação, uma relação necessária pode ser também considerada obrigatória pelo falante (modalidade deôntica). Essas modalidades, na maioria das vezes, são explicitadas pela construção modal **ter que/de + infinitivo**, que está intrinsecamente ligada à noção de obrigação (cf. exemplo 1).

Os verbos no *modo imperativo* como realização plena das *deônticas* estão ligados ao comportamento, à ação e à vontade do falante que considera a realização (ou não) do evento implícita na *obrigação*, *ordem*, *permissão* e *prescrição*, determinada por ele. No exemplo (18), após avaliar o estado de coisas, L2 considera necessário o não pagamento e manifesta sua intenção a L1 que a encoraja a não pagar: (18) - “ah **não pague não**... o



que é isso ô xente” (t 168-A). A ordem negativa dada por L1, além do valor prospectivo, pressupõe a intenção do falante de realizar o evento e é isso que motiva a ordem.

A seguir, abordaremos as formas de exprimir futuridade pelo modo subjuntivo, ao qual se associam as noções de possibilidade, probabilidade, dúvida (modalidades epistêmicas) e obrigação (modalidade deontica). A natureza não fatural e subjetiva desse modo liga-o, de certa forma, ao futuro.

### 3.6 - Futuro do Subjuntivo

O futuro do subjuntivo, como o próprio nome indica, expressa futuridade e, no português, é comum aparecer em orações *Temporais* e *Condicionais*. Tais orações são o contexto ideal para a realização das formas futurizadas, nas quais a idéia de certeza muitas vezes adquire matiz de determinação e comprometimento.

Esta é a estrutura típica da *temporal*: (*quando/ loc. temporal + futuro do subjuntivo + futuro do presente*). No entanto, há variações que não alteram seu conteúdo proposicional. Dentre elas e, sem dúvida, a mais usada, o futuro do presente da principal é substituído por uma forma futurizada. Veja-se o exemplo:

- (19) L1 - então agora chama ela pra mim e Ó... *a hora que eu for* Aí você *vai apanhar* de mim... viu? (...) (...) ah... então você fala pra ele... que ele *vai apanhar* de mim... *vou cortar* o bingulim dele *a hora que eu for* aí... *vou* com uma faca *a hora que eu for* aí... está bom?(t 4-J)

O exemplo é típico da atuação do futuro do subjuntivo em oração *temporal* na língua falada. Ele aponta a simultaneidade ou a leve anterioridade do ponto de referência (*a hora que eu for* aí [futuro do subjuntivo]) ao evento (*você vai apanhar de mim*[presente do indicativo]): MF- PR,ME. Além de desencadear o uso do subjuntivo, a locução temporal *a hora que* parece deslocar a ação para frente, como se esta caminhasse para o futuro, exprimindo certeza.

Num dos esquemas da *condicional* (*se + futuro do subjuntivo + futuro do presente*), há variantes como na *temporal*. Dentre elas, a mais popular é a em que o *futuro do presente* da principal é substituído por uma forma futurizada<sup>12</sup>. No exemplo, temos um trecho do discurso relatado pelo rapaz do hotel:

- (20) L1 - [“*olha... tem um senhor lá embaixo que é o que diz que é o pai dela e diz que vai entrar todo jeito se ela não for lá falar com ele diz que vai entrar de calção no hotel eu estou pedindo pra ela ir lá*”  
L2 - você vi el fa/ viu ele falar com quem? (t 107-A)

---

<sup>12</sup> Para verificar os diferentes graus de vinculação estabelecidos na constituição das condicionais, cf. o estudo quantitativo de Gryner (1995). Devido ao pequeno número de ocorrências com o *futuro do presente* (apenas 0,4% dos 482 casos) e à hipótese de que está praticamente desaparecendo do português coloquial, a autora substituiu essa forma pela perífrase (*ir+infinitivo*) na descrição de um dos esquemas das condicionais. Para ela, (FP) é igual (*ir + infinitivo*), no esquema (FS) futuro do subjuntivo + (FP) futuro do presente.



A ocorrência dupla de *vai entrar* mostra a posição do pai da modelo no momento da enunciação. São formas condicionadas, que poderiam ter acontecido após o MF (apódose condicionada), visto que ele condicionou a sua não-invasão à vinda da filha (prótase condicionante).

A oposição entre a *temporal*, em (19), e a *condicional*, em (35), relaciona-se mais ao modo do que ao tempo. Embora ambas sejam avaliadas no momento da fala e apresentem situações eventualmente reais, cujas realizações não são confirmadas, a ocorrência de uma parece menos provável que a da outra. Enquanto a locução *a hora que*, de certa forma, projeta a ação para um futuro, a conjunção condicional *se*, ao impor uma condição, restringe a ação. Como estamos interessados no modo como os falantes/ouvintes consideram esses eventos e não na sua realidade (Weinrich,1970), para nós isso não é muito relevante.

Tal discussão nos remete a um novo tópico - ao *futuro do pretérito* - à forma em */-ria/*, que faz parte do esquema da condicional *se + imperfeito do subjuntivo + /-ria/*.

### 3.7 - A forma em */-ria/*

Ao invés de *futuro do pretérito*, optou-se pela denominação forma em */-ria/* porque abrange o uso modal e temporal a ela atribuídos (cf. Câmara Jr., 1956, e Bezerra,1993). Em nossos dados, o maior número de ocorrências se dá na sua função modal, expressando várias modalidades, dentre elas *polidez*, ou *ação hipotética* nas apódoses de sentenças condicionais:

Já na sua função temporal, decorrente de sua relação com um tempo passado no contexto, caracterizando-a como *futuro do pretérito*, houve poucas ocorrências e, em todas, tal uso se realiza em contextos discursivos *narrativos*, em orações objetivas diretas, subordinadas a um verbo do tipo *dizer, falar, pensar, achar*. O *imperfeito do indicativo*, como variante da forma em */-ria/*, é muito comum no português coloquial falado:

- (21) L2... ele estava embriagado... com uma espingarda doze na mão... *dizendo* que *ia entrar* de todo jeito... porque todo mundo dentro daquele hotel era (...) af *eu disse* que... como é que se diz... *ela ia descer* de todo jeito tal (...) e essa menina não queria descer depois veio a mãe a mãe *disse* que subiu com o segurança não sei o quê...que que *ela não ia descer* tal e tal (110 e 114-A)

*Ia entrar, ia descer e não ia descer* complementam diretamente *dizer*, ou seja, como verbos da oração subordinada objetiva direta, exprimem futuridade em relação a um passado *disse*, da principal.

Tal estrutura decorre do *discurso indireto* que, diferente do *direto*, situa o passado no quadro temporal próprio e, para expressar o que era futuro no momento passado, a concordância entre as formas verbais (*consecutio temporum*), nesse contexto, aponta para a forma em */-ria/* ou *variantes*.

Se o futuro do pretérito, no discurso indireto, é correlativo ao futuro do presente no direto, o imperfeito provavelmente o é de uma forma futurizada (*presente futuro ou*

*ir+infinitivo*). Isso revela a origem do imperfeito como variante da forma em */-ria/* e aumenta a já alta frequência e popularidade das formas futurizadas.

Bezerra (1993:225) atribui o número reduzido da forma em */-ria/*, na função temporal, ao fato de o falante raramente se colocar em um determinado ponto do passado para evocar um evento posterior a esse passado, mas não diz por quê. Para nós, isso tem a ver com escolha discursiva. Nas narrativas orais, constantemente o locutor tem de representar o que era futuro no momento passado e para tanto possui duas opções: *discurso direto* e *indireto*. Parece-nos que, diante do exercício que seria situar o passado em um quadro temporal próprio requerido pelo *discurso indireto*, o locutor opta pelo *direto* por sua simplicidade e expressividade, e isso é comprodo pela grande frequência desse tipo de discurso nos dados.

Tem-se buscado diferenciar a forma *ir+infinitivo* da forma em */-re/-/ra/* através de traços semânticos. No entanto, a experiência tem mostrado o contrário, ou seja que a diviresidade se encontra no tipo de discurso.

### 3.8 - Futuro do presente

Houve apenas quatro ocorrências da forma em */-re/-/ra/* em nossos dados, o que evidencia seu papel secundário em relação à forma perifrástica *ir + infinitivo*. Veja-se um exemplo de sua ocorrência em nosso corpus. É um trecho de [M], em que a cartomante prevê o futuro de E:

- (22) L1 - (...)sempre vai com pensamento positivo... que *as coisas boas virão* pra você e algumas coisinhas que acontecem (...) (...) e Deus que te ajude e que te acompanhe ((ininteligível))... (t 87-M) (...) e mais *as coisas boas virão pra você*... você resolve... se você quiser... então agora até o fim do mês *vou fazer* uma viagem e *vou ficar* uns três meses fora (t 101-M).

O que teria motivado a cartomante, L1, que, durante mais de vinte minutos, se utilizou da forma perifrástica, optar por *virão*, comutável por *vão vir*? Aparece no encerramento do tópico, soando como uma fórmula, uma frase feita. Isso é comprovado na sua recorrência, quando o consultante retoma o tema, perguntando sobre sua situação financeira. Ao tentar fechar novamente o tópico, L1 recorre à fórmula: *as coisas boas virão pra você*, citada anteriormente, que parece atuar como marca lingüístico-discursiva, delimitando o tópico. Isso vai ao encontro da constatação de Koch et alii (1992), para os quais a parte final do segmento tópico apresenta-se frequentemente marcada por mecanismos de recorrência semântica, tais como paráfrases, repetições, provérbios e frases feitas. Além disso, tal escolha poderia ser por eufonia. Com frequência, os falantes evitam sons desagradáveis e *vão vir* é um deles.

Em (23), a seguir, o tom do falante, na apresentação de uma receita culinária, é, o tempo todo, bem informal. No entanto, ao apresentar as regras do concurso promovido pelo programa, deixa transparecer um grau de formalidade e injunção:

- (23) Inf. (...)então daí eu *vou divulgar* o nome de cada... de cada semifinalista... e essas dez pessoas que foram escolhidas *terão de comparecer* no Tênis Clube Paulista no dia doze de setembro às catorze horas com o prato já elaborado e enfeitado... né? e *vão passar* por uma comissão julgadora...(linha 15-R)

Ao discorrer sobre o que é obrigatório (o comparecimento dos finalistas), marca-o com a forma *ter que* (modalizador de obrigação) no *futuro do presente*. Tal forma, ao apresentar quebra com o presente do falante, mostra-se distante e imparcial, tornando esse trecho bem formal.

Isso nos fez notar que as falas de políticos, juízes e executivos na televisão apontavam para o injuntivo e nos levou a rastrear a forma */-re/~/-ra/*, em noticiários de televisão e no programa *A Voz do Brasil*, pinçando apenas a sua ocorrência nas declarações, que julgávamos não estarem sendo lidas no MF. Note-se o exemplo:

- (24) (...) sinceramente... *haverá* grande facilidade para o usuário...(...). os promotores... os funcionários de cartório... *saberão* exatamente... o que fazer... (T'c)

Considerando-se que, no contexto discursivo *injuntivo*, o locutor encontra-se na perspectiva do fazer posterior ao MF e a sua atitude é a do querer, desejar e determinar, tem-se aqui uma situação injuntiva, análoga à (23). Ao falar sobre o novo formulário para adoções, o juiz se utilizou da forma sintética, várias vezes, dando ao discurso um tom sério, formal e normativo. No exemplo seguinte o tom é de conclamação, no qual C R argumenta contra a demarcação de terras indígenas:

- (25) C. R. - *Nós passaremos* a votar contra todas as propostas do governo... se eles insistirem em demarcar esta área contínua... (U'd).

Usando a primeira pessoa do plural, o falante inclui-se entre os que tomarão responsabilidade daquilo que ele quer que seja feito, enfatizando ainda mais a idéia de conclamação. Parece-nos que este *nós majestático* é a consequência maior das ligações entre formalidade e injunção nesse contexto discursivo.

Parece-nos que esse alto grau de formalidade ligado ao de normatividade e injunção leva ao uso da forma sintética, tornando-a mais usada em situações solenes. Situações estas altamente modalizadas., muitas vezes marcadas por auxiliares modais. Tudo isso dá um tom de seriedade, solenidade e ritual ao que está sendo dito, caracterizando essa forma também como *formulaica* nesse tipo de discurso.

Nota-se uma ruptura com o presente do falante, o que torna a forma */-re/~/-ra/* psicologicamente neutra, distante e imparcial e, portanto, adequada para esse contexto discursivo. Tome-se, por exemplo, *nós passaremos* em (25), no qual a desinência *-remos* na primeira pessoa do plural do futuro do presente do indicativo acopla-se ao radical */pass-/ /-a/* de ação, expressando um fazer por parte do sujeito. É até possível ter-se a avaliação e o conhecimento do estado de coisas como necessário ou altamente



provável pelo falante, mas o que não se tem é a certeza, determinação ocorrida no momento da fala, tão bem expressa pelo morfema do presente do indicativo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos analisados revelam que a combinação de vários fatores lingüísticos é responsável pela expressão da futuridade no português falado. Apesar das marcas, o futuro é tempo verbal, cuja força e produtividade estão nas diversas formas de que a língua portuguesa se utiliza para expressá-lo.

Kahane e Hutter(1953), há quatro décadas, afirmavam o desaparecimento da forma sintética em conversações informais do português brasileiro. Não tão categórico, Thomas (1969) vê o seu uso restrito às formas com radicais futuros monossilábicos: *ser, estar, ter, dar, ir*. Os dados revelam não ser uma coisa nem outra, ou seja, há radicais futuros com mais de uma sílaba (*pronunciará, concretizará*), em alguns contextos no corpus. O pequeno número de formas sintéticas em situações discursivas informais possibilita-nos, com Fleischman (1982), confirmar o seu declínio no discurso oral do português brasileiro.

Apesar desse declínio, a forma */rel~/-ra/* ocorre em contextos com graus de *formalidade e injunção*, que definem seu *status*, distinguindo-a da forma *ir+infinitivo*. Apenas a interação entre a flexão, o radical do verbo conforme sua natureza semântica e os marcadores temporais não basta, é preciso levar em conta a interação da flexão com o radical, segundo a situação discursiva decidida no momento da fala, pois é ela que definirá a escolha das formas em questão. Portanto, morfemas do *futuro do presente* exprimem melhor ações futuras determinadas pela imparcialidade e distanciamento discursivo; já os do *presente do indicativo*, ações estabelecidas pelo envolvimento e participação.

É preciso acrescentar que a proximidade do discurso injuntivo e normativo ao pólo da escrita, no contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual, favorece a manifestação da forma sintética. Acresce a formalidade e solenidade da situação decorrentes desse discurso que, rompendo com o presente do falante, torna a forma */rel~/-ra/* apropriada a esse contexto discursivo.

Na medida em que a forma *ir+infinitivo* não difere funcionalmente de */rel~/-ra/*, deveria ter o mesmo tratamento. Ao invés de *futuro imediato, próximo* ou *de intenção*, traços que não a distinguem da forma *sintética*, deveria ser chamada simplesmente de *futuro do presente perifrástico*, nomenclatura já sugerida por alguns autores. Seria reconhecer e institucionalizar um fato que se vem constatando há muito tempo; ou seja, da mesma forma como na evolução cíclica do *t. vb* futuro do latim, no românico, esses dois tipos de futuro coexistem sincronicamente em nossa língua.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALEEIRO, Marisa. I. A. *O futuro do presente do português culto falado em São Paulo*. Campinas -SP., Tese de Mestrado, Unicamp/IEL, 1988.

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 23ª ed., 1978.
- BEZERRA, Alba M. C. "A Forma em -ria na Língua Culta Falada na Cidade de São Paulo". **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Unicamp, Vol.24:179-330, 1993.
- BINNICK, Robert I. **Time and the Verb - A Guide to Tense and Aspect**. New York/Oxford, Oxford University Press, 1991.
- BORBA, Francisco da S. et alii. "Critérios para identificação dos verbos de ação e de processo, de ação-processo e de estado". **Grupo de Estudos Lingüísticos**, 10(1):1-10, 1985.
- CÂMARA Jr, Joaquim M. **Uma forma verbal portuguesa**. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1956.
- CEGALLA, Domingos P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. SP., Cia Edit. Nacional, 1969.
- CHAFE, Wallace L. **Meaning and the Structure of Language**. Chicago:University of Chicago Press, 1970. Tradução: **Significado e Estrutura Lingüística**. São Paulo, Ao Livro Técnico, 1979.
- CLOSE, R. A. "Some Observations on the Meaning and Function of Verb Phrases Having Future Reference". **Studies in English Usage: The Resources of a Present-Day English Corpus for Linguistic Analysis**. Eds. W. Bald e R. Ilson. Frankfurt: Lang, 125-156, 1977.
- COMRIE Bernard. **Tense**. Cambridge University Press, 1985.
- CORÔA, Mª Luiza. M. S. **O Tempo nos Verbos do Português: Uma Introdução à sua Interpretação Semântica**. Brasília, Thesaurus, 1985.
- CUNHA, Celso & Lindley, CINTRA. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1985.
- FÁVERO, Leonor L. & KOCH, Ingedore G. V. **Lingüística Textual - Introdução**. São Paulo, Cortez, 1983.
- FLEISCHMAN, Suzanne. **The Future in Thought and Language**. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- GRYNER, Helena. "Graus de Vinculação nas Cláusulas Condicionais". **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, UNICAMP/IEL, vol 28:69-83, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the Functions of Language**. London, Arnold, 1973.
- ILARI, Rodolfo. "Alguns Recursos Gramaticais para a Expressão do Tempo em Português - Notas de Um Projeto de Pesquisa". **Estudos de Filologia e Lingüística**. São Paulo, T.A. Queiroz e EDUSP, 181-194, 1981.
- \_\_\_\_\_. "Sobre os Advérbios Aspectuais". **Gramática do Português Falado II**, Níveis de Análise, Ilari, R. (org.), Campinas-SP, Edit. da UNICAMP, Vol. 2:151-192, 1992.
- KAHANE, Henry R. & H. S. HUTTER. "The Verbal Categories of Colloquial Brazilian Portuguese". **Word**, vol. 9:16-44, 1953.
- KOCH, Ingedore V. et alii. "Organização Tópica da Conversação". **Gramática do Português Falado II**, p 359-447, 1992.
- KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo, Cortez, 2ª ed., 1987 (1984).
- \_\_\_\_\_. "A Questão das Modalidades Numa Nova Gramática da Língua Portuguesa". **Estudos Lingüísticos XIII**, Anais dos Seminários do GEL, UNESP- Araraquara, vol.13:227-236, 1986.

- KOCH, Peter & W. ÖSTERREICHER **Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch Italienisch, Spanisch.** Tübingen, Niemeyer, 1990
- LEECH Geoffrey N. **Meaning and the English Verb.** London, Longman, 1971.
- LYONS, John **Semantics.** 2 vols, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARCUSCHI, Luiz. A. **Análise da Conversação.** São Paulo, Ática:Princípios, 1986.  
 \_\_\_\_\_. **Oralidade e Escrita** . Texto apresentado no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre Linguagem e Educação, UFRN, Natal, 26-28 de junho de 1995.
- MATEUS, M<sup>ª</sup>Helena M. et alii. **Gramática da Língua Portuguesa.** Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
- MOURA NEVES, M<sup>ª</sup>Helena et alii. "Os advérbios Circunstanciais (de Lugar e de Tempo)". **Gramática do Português Falado II**, Níveis de Análise, Ilari, R. (org.) , Campinas-SP, Edit. Unicamp, vol 2:261-296, 1992.
- ORLANDI, Eni L. P. **A Linguagem e seu funcionamento - As formas do discurso.** São Paulo, Brasiliense,1983.  
 \_\_\_\_\_. "A Análise do Discurso: Algumas Observações" **DELTA-2**, São Paulo, PUC-SP/ABRALIN, vol. 2, (1):105-126,1986.
- REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic.** London:Collier-Macmillan, 1947; N. York, 1948 , N. York:Free Press, 1966.
- SACCONI, Luiz A. **Nossa gramática.** São Paulo, Edit. Atual Ltda., 1989.
- SCHIFFRIN, Deborah. "Tense Variation in Narrative". *Language* , vol. 57:45-62, 1981.
- THOMAS, Earl W. **The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese.** Nashville:Vanderbilt University Press, 1969.
- TRAVAGLIA, Luiz C. "O Discursivo no Uso do Pretérito Imperfeito do Indicativo do Português". **Cadernos de Estudos Lingüísticos - n° 12**, Campinas, UNICAMP/IEL, 61-98, 1987,  
 \_\_\_\_\_. **Um Estudo Textual Discursivo do Verbo no Português do Brasil.** Campinas, Tese de Doutorado, UNICAMP/IEL, 1991.
- WEINRICH, Harald. **Tempus.** Besprochene und Erzählte Welt, W. Kohlhammer Verlas, Stuttgart, 1964. Trad. Espanhol **Estructura y Función de Los Tiempos en El Lenguaje.** Madrid, Ed. Gredos, 1974.